

Língua da escola e língua da vida: Um fazer entre o político, o científico e o institucional

Entrevista com Amanda Eloina Scherer

Corpus/Labeurb: Para começar, como é de praxe, gostaríamos que a senhora falasse um pouco a respeito de sua formação, desde os tempos de escola ou não... o que a levou cursar Letras, estudar/ensinar Francês, a Pós-Graduação, professores, leituras, fatos, lugares que lhe marcaram... Como a senhora contaria essa história?

Amanda Scherer: Bom, já daria para fechar um Fragmentum, se eu fosse contar essa história [risos]. Bom, eu colocaria, é uma historinha, é bem contraditório, primeiro porque eu, filha de ferroviário, minha mãe obrigou meu pai a me pagar uma escola burguesa de irmãs no centro da cidade. Então, eu tenho um texto do patinho feio, sobre o patinho feio, como esse patinho vai trazer hoje, nos meus dias, muito significado, eu diria assim, construir até o sentido que eu me dou hoje, desse patinho feio, que é essa Amanda, filha de operário no meio de, como é que eu vou dizer, de crianças que, a maioria delas, já havia, a maioria delas já havia viajado, inclusive para o estrangeiro. Ao mesmo tempo em que isso é contraditório, isso também ajuda a entender esse meu fascínio pelo estrangeiro e por essa história do patinho feio, esse patinho sempre fora d'água. Então, eu fiz os meus estudos primário, ginásial e clássico, antigo clássico, no Colégio Sant'Anna, de irmãs franciscanas, onde tudo era pecado, até jogar papel no chão, era pecado e a gente vivia sempre com essa ideia de que toda a sexta-feira precisava entrar na igreja, na capela do colégio, para pedir perdão dos pecados, então, isso ajuda a entender um pouco essa questão do patinho feio, porque isso se tornava cada vez mais forte.

Bom, quando foi para fazer o vestibular, é muito, eu acho, pelas histórias que as minhas coleguinhas contavam e por eu ter tido professores excelentes de geografia. Eu me lembro da minha professora primária, que eu tenho até o cartão, o primeiro cartão que eu ganhei na minha vida é da professora primária, uma mulher lindíssima, que para mim era lindíssima, eu nunca mais encontrei essa pessoa. Os professores de Geografia que eu tive nessa escola, que eram maravilhosos faziam realmente a gente viajar. As minhas coleguinhas que contavam histórias das viagens. E depois, muito pouco de Português, uma professora no clássico, que foi revolucionária na escola, porque ela nos fez ler **O Crime do Padre Amaro** e três meses depois ela estava na rua. E eu me lembro que minha tia-avó dizia para minha mãe que tinha que me tirar do colégio, e essa é a lembrança que eu tenho do ensino de Português. Eu tive excelentes professores de Francês, nulos professores de Inglês, mas excelentes professores de Francês. Uma delas é a Janete Cecin. A Janete já tocava aquele acordeom e já fazia a gente cantar e isso para mim, o Francês, era uma festa, francês era uma forma de sair daquele patinho feio. Quando eu fui fazer vestibular, o vestibular da época, era uma prova escrita, não era prova de marcar, era prova dissertativa e a gente escolhia o dia, que prova, porque era uma prova geral, que entrava Literatura, Latim, a Língua Francesa, entrava a Língua Inglesa, enfim, era o conhecimento geral do lado das humanidades, eu me lembro vagamente disso, mas o que eu me lembro fortemente é de estar naqueles matos de eucaliptos, quando o curso de Letras era no Centro de Ciências Rurais, no terceiro prédio, para quem conhece a Universidade e eu tinha que escolher, na manhã da prova, o que eu tinha que fazer, que curso eu queria e eu sempre fiquei na dúvida entre Geografia e Francês, eu fiz cara ou coroa e caiu Francês e eu fui fazer Francês. Bom, fazer Francês para mim nessa época, a minha mãe já havia falecido, então, tem toda uma história de família, drama familiar, essa coisa toda. E fazer Francês, eu fui me dar conta que o Francês que eu tinha era muito bom, eu tive muito tempo, era um tempo que a Língua Estrangeira na escola tinha uma carga

horária interessante e, aos pouquinhos eu fui me identificando com essa cultura e com as professoras. Eu tive excelentes professoras de Francês, eu tive a Majô, a Janete, tive a Zenaide, professora de Literatura Francesa, eu tive a Gladis Ramos, eu poderia ficar por aí. Professor Edgar também e todos eles foram importantes na minha formação. A minha Licenciatura é dupla, Português-Francês e, do lado do Português, eu não posso dizer a mesma coisa. Eu me lembro dessa época também, e são professores que me marcaram muito, e foi, por exemplo, a professora Maria Luiza Ritzel Remedios, que estava começando a fazer seu doutorado que, na época, era uma coisa de outro mundo, que era a sumidade, de se fazer um doutorado, porque era uma coisa inédita ainda, era o começo da Pós-Graduação brasileira e a Maria Luiza, na época, trabalhou muito com a gente uma Literatura Portuguesa, eu diria, Camões e essa coisa toda que, para mim, não fazia significado nenhum, mas que eu achava aquilo de uma estranheza tamanha, ler aqueles textos. E então, como é que eu posso dizer, porque eu estou falando tudo isso, para dizer para vocês que a minha formação, no Curso de Letras, eu diria que se deveu muito mais aos professores que eu tive, a essa relação que eu tive, do que ao Curso propriamente dito. E depois por eu ser uma pessoa, sei lá, sem muito envolvimento político, na época, eu não participava de muita coisa, eu achava muito bonito essa coisa de..., nunca me dei por conta de que eu estava em um curso de Letras que, à época, era um curso completamente burguês. Hoje eu me dou conta disso. Bom, no último ano, como parece que eu fiz um belo estágio de Francês e havia uma política do governo francês de formação de professores, os professores decidiram que eu iria à França e que eu deveria ir à França. Então, tão logo eu terminei o curso, eu já tenho um estágio na França. O meu primeiro estágio na França foi em Caen, na Normandia e é, eu diria assim, a minha primeira estrangeiridade em todos os sentidos, inclusive de sair de Santa Maria, porque, na época, para chegar em Porto Alegre a gente levava oito horas. E então, é descer no Rio de Janeiro sozinha trocar de aeroporto, porque, na época, precisava trocar de aeroporto para pegar um outro aeroporto, um avião para a França, descer na França e me dar conta de que tudo que eu havia idealizado, enquanto aprendizado, na realidade, não era bem assim. Então, eu não sei se paro por aqui, eu disse que toda essa parte daria um **Fragmentum**, mas, dessa primeira experiência na França, como que vou dizer para vocês, essa primeira experiência me fez ver, e hoje me dou conta, e a estrangeiridade da época era marcada, mas eu não entendia muito bem, que existe a língua da escola e a língua da vida e que a língua da vida é uma língua da escola, só que a escola não se dá conta, que a língua da escola não é essa língua da vida. Então, eu acho que daí começa também o meu interesse que hoje eu tenho para trabalhar com essa relação língua-sujeito-história-memória, que vai por aí. Bom, é um estágio curto. Eu volto, aí como eu tinha estado na França, é claro, eu virei monumento em Santa Maria, porque não havia internet, não havia televisão, a televisão era ainda muito precária, não havia essa coisa, quer dizer, ir à França era ir a uma espécie de *source*, de fonte, e aí tu voltava da fonte do tipo à la Padre Lauro⁵, voltava nas alturas e, quando voltei, assumi a Aliança Francesa. Assumi, no sentido de que me colocaram na Aliança Francesa, me colocaram no Hugo Taylor, que era uma escola de base, de formação francesa, porque está ligada à própria história da Escola de Artes e Ofícios que é *Arts et métiers*, no modelo Francês, e vou ser chamada para ser professora aqui, na época existia isso, paga pelo círculo de pais e mestres, no Maneco⁶, como professora de Francês, e no Maria Rocha⁷. Então, eu tenho essa experiência e começo a vivenciar o ensino do Francês, estou cada vez mais fascinada, fascinada pela tecnologia, porque a tecnologia, na época, era uma fita K-7 de rolo imenso que a gente tinha que ter um controle danado para aquilo saltar, porque tinha que ir e voltar, era a época do estrutural global, que o sujeito tinha que repetir naquele tempo. Bom, e aí

⁵ Lauro Trevisan é padre e escritor, nascido em Santa Maria, autor de livros sobre o poder da mente, auto-ajuda, religião e outros.

⁶ Escola Estadual Manoel Ribas, em Santa Maria.

⁷ Escola Estadual de Ensino Médio Profa. Maria Rocha, em Santa Maria.

surge uma segunda chance, que o pessoal disse que eu mereceria sair de novo, porque eu era uma boa professora de Francês. E essa segunda saída já foi diferente, já foi diferente porque ela foi mais longa, eu tive que me desfazer de um bocado de coisas, no sentido de guardar minhas coisas por mais tempo. Quem me conhece sabe que eu sou muito apegada aos meus livros, aos meus objetos e também essa segunda chance... eu volto a Caen e, em Caen nós tivemos a chance de assistir aulas de Linguística e, apesar de serem ainda muito Estruturalistas, eram, eu não consigo me lembrar agora, até posso ver mais tarde o nome do professor, mas eu me lembro que esse professor fez maravilhas com a gente. E a Linguística que eu tive na Graduação, eu tive duas pessoas que foram importantíssimas, mas como a Linguística da Graduação é até hoje é muito reduzida, eu tive a Neusa Carson, que é a linguista do Sul e a irmã Beatriz⁸ que acabou deixando a formação religiosa, por motivos que não vale a pena, porque isso aqui vai se tornar público, e acabou indo morar nos Estados Unidos. Então, esse um ano, que um reduziíssimo espaço, já me sensibilizava também por questões, não só de descrição da língua, mas questões sobre a língua. E então, esse é o segundo momento, só que esse segundo momento, eu não voltei nove meses depois, eu acabei ficando por mais um ano e meio, e esse um ano e meio eu fiquei por conta, uma maneira de dizer, tive que trabalhar, trabalhar duro, cuidar de bebê, limpar banheiro, essas coisas que a gente nunca imagina, até faz na casa da gente, mas não imagina que vai ser pago para fazer isso. Convivi com uma família muito importante, muito legal, peguei um bebê para cuidar que tinha um mês e pouco, que tinha um glaucoma, a mãe era uma pessoa que viajava demais e que eu acabei envolvida um ano e meio com essa menina, e, nessa época, existia a Universidade de Vincennes que era no pleno bois de Vincennes, que era a Universidade Comunista. Na verdade, era uma Universidade que reunia todos, eu não posso dizer todos, mas uma boa parte dos movimentos, do mundo africano, por exemplo, se tinha grupos africanos para liquidar o Bocaça⁹, na época, nem sei se vocês se lembram desse sujeito, desse ditador, mas os caras faziam lá manifestações, gritavam. Tu tinhas impressão que o governador africano estava ali perto, mas não estava, ele tava lá na África mesmo e era uma Universidade, eu diria, louca mesmo. Então, eu tive a chance de assistir Roland Barthes, eu tive a chance de assistir Julia Kristeva, que estava chegando na França, eu tive a chance de assistir, agora não me vem, mas eu me lembro do seminário do Roland Barthes, por exemplo. O seminário do Roland Barthes era num anfiteatro. A universidade, outra coisa que é interessante, é que estavam sempre em greve. Esse campus era no meio do bois de Vincennes, o bois de Vincennes era do entardecer ao amanhecer uma zona de prostituição e a gente tinha aula muito cedo e a gente estava chegando e as prostitutas estavam ali ainda, é horrível dizer isso, as prostitutas, mas enfim, ao mesmo tempo, essas pessoas também estavam dentro da universidade, isso para mim, para uma guriiazinha de Santa Maria, da Boca do Monte, isso era uma coisa descabida e, da forma como eu estou dizendo isso, a emoção é grande, então eu estou dizendo isso da forma quase como eu pensava na época e, como é que eu vou dizer para vocês. Roland Barthes, por exemplo, ele escreve o **Fragmentos de um Discurso Amoroso** basicamente dentro de Vincennes, ele diz: Hoje eu estou escrevendo sobre isso, sobre ciúmes... hoje eu estou escrevendo, estou pensando o que é comprar um presente para pessoa amada. E esses anfiteatros eram assim, Vincennes era como esses caixões, que hoje nós temos, essas coisas pré-moldadas. E é legal falar sobre a história de Vincennes, porque foi depois de maio de 68, para pensar um outro tipo de Universidade que não a Sorbonne. Então, isso aí me fascina. Eu entrava, eu era uma guriiazinha tímida, caipira, que entrava em todos esses lugares e ficava fascinada, eu nunca tinha ouvido falar de Roland Barthes e eu queria saber porque todo mundo se interessava por aquele cara. Ele ficava meia hora sem dizer uma palavra e o anfiteatro quietinho, quietinho, em silêncio absoluto,

⁸ Irmã Beatriz...

⁹ Bocaça...

ninguém tossia, ninguém suspirava, o cara tragava o cachimbo e andava de um lado ao outro para depois pensar uma coisa e todo mundo escrevia, todo mundo escrevia, todo mundo escrevia, até eu entender, bem mais tarde depois, o sujeito e a importância dele na minha vida.

Mas não tem só ele, eu posso pensar em outros, e aí eu tive um título, vamos dizer assim, uma formação em Vincennes que é a Licenciatura em Linguística, de Linguística Geral que isso, à época, era inédito e que hoje não existe mais.

Bom, voltando para Santa Maria, se antes, com um mesinho e pouco de estágio, eu já era a rainha da cocada preta, com dois anos e meio, eu era mais ainda, e eu já tinha largado o meu salto alto, eu não usava mais, usava sapatinho baixo, saia longa, à *la hippie* da época, e voltei querendo trabalhar, só que, claro, eu tinha uma colega na prefeitura, que era chefe de gabinete do Secretário da Educação, que me disse: Tu tens que ser diretora de uma Escola Municipal, eu não vou te colocar em uma sala de aula. Porque eu morei na França, eu tinha que ser diretora de uma Escola Municipal e me botaram, mas me botaram num lugar louquíssimo em Santa Maria, que a Vila Vitória, que hoje está povoada de casas, na época, não tinha quase nada. Para chegar na Vila Vitória tinha que pedir permissão para algumas pessoas que a mídia chama de bandido, mas, quer dizer, além disso, voltei, fiz um concurso do Estado, fui trabalhar no Cilon Rosa¹⁰. No Cilon Rosa, eu achava que tinha que ter Francês, Francês era embaixo de uma escada, eu me lembro, quem conhece o Cilon Rosa sabe que é uma escola grande, corredores e escadas largas e eu me lembro que, durante um ano e meio, eu dei aula embaixo de uma escada e antes de ser diretora municipal, porque eu queria tanto trabalhar, em me lembro que essa pessoa, a Solange, que era a Solange Cretz, que já faleceu. A Solange me botou numa escola, não, eu fiz um projeto, não me botou não, ela me disse assim: Mas o que eu vou fazer contigo, vestida desse jeito? Ela me dizia, ela me recebeu no gabinete. Vestida desse jeito, como é que eu vou te colocar para trabalhar em uma escola municipal? Eu não sei que vestido era, como eu estava vestida na época, devia ser muito diferente de todo mundo, e ela falou, faz alguma coisa, pensa em alguma coisa para eu poder te dar trabalho e eu pensei, então, em um projeto de ensino de Francês nas escolas municipais e, com isso, eu viajava em cinco escolas, eu me lembro que, numa dessas escolas, não tinha espaço também, não tinha sala de aula e eu dava aula em uma igreja moderna redonda aí eu cantava o Frère Jack com a criançada, com vinte alunos, por exemplo, e a sensação era que tinha cem, duzentas pessoas, porque aquilo retumbava na escola, eu falava e ouvia. Numa outra, eu dava aula numa sala de dentista, na parte da assistência. E conversando com a Majô, a Maria José Escarindini, ela me disse: Mas não é possível uma coisa dessas, com a tua experiência, tu estás fazendo isso. Vai abrir vaga na Federal e tu tens que te inscrever. Bom, apareceu a vaga, eu me inscrevi, nós éramos sete, e eu tirei o primeiro lugar, tirei o primeiro lugar estourado, bonito, nove e não sei o que, teve complicação, porque teve outras pessoas, eu levei quase um ano para assumir, porque teve recurso, diziam que, assim como tinham me dado bolsa, tinham me dado o lugar, essas coisas do serviço público, e fui trabalhar na Universidade e tal, fui trabalhar no Curso de Letras. Eu cheguei a ser coordenadora do curso, em plena época da ditadura, na saidinha, quer dizer, quando eu assumi a Federal de Santa Maria, e isso eu canso de dizer que é o meu mal, porque daí eu nunca pude me redimir e ser o que eu acho que sou, mas eu só sou aquilo que as pessoas construíram de mim naquele momento. Eu me lembro que assumi, em um dois de março na Federal, e no três de março, a gurizada, o DCE fez uma mostra manifestação, no tempo que o DCE tinha voz e fazia manifestação de verdade e, inclusive, enterrando, era o Valandro¹¹ à época, enterrando com caixão o Valandro, tentando enterrar a ditadura, para que os reitores não fossem mais indicados pelos militares, essa coisa toda. Então, no meu primeiro dia de aula, eu não tenho

¹⁰ Escola Estadual de 2º Grau Cilon Rosa.

¹¹ Valandro...

aluno nenhum, eu me lembro que a Coordenadora da época pediu que todos os professores entregassem os cadernos, porque iam dar falta para todos os alunos. Hoje é uma coisa que ninguém olha, caderno, nem a gente preenche caderno, são os alunos que preenchem nossos cadernos, mas agora ficou mais fácil que a gente pode preencher online. Eu me lembro que, na reunião do Departamento, que eu fazia parte, na época, o Departamento Estrangeiras, eu disse o que achava. Eu tomei a liberdade, isso há trinta anos, tomei a liberdade de dizer o que eu pensava, o que eu pensava era que eu não devia entregar um caderno, que eu estaria delatando as pessoas e que as pessoas tinham o direito de se manifestar e que eu não entendia ainda o sistema. E bom, isso bastou, a partir daquele momento se concluiu, ela é louca, ela é comunista, que diziam na época. Logo, eu comia criancinha e aí, inclusive, vai acontecer tudo que vai acontecer depois é em cima dessa, eu acho que até hoje é guardada essa representação: Chegou a Amanda, pronto, chegou e tu tens barrar a fala dela, porque a fala dela incomoda e essa coisa toda. E a experiência na Graduação foi excelente, foi excelente, tem a Cris aí que está me entrevistando, que é uma das minhas ex-alunas. Nós sempre tivemos resistência, nós sempre sofremos resistência do Inglês, eu acho que os professores do Francês sempre sofreram resistência, por serem diferentes, por trazerem outro tipo de coisas, e nós nunca fomos um grupo grande, nunca tivemos grupos grandes de alunos, portanto, nós sempre tivemos grupos pequenos de alunos, portanto muito mais fácil de colocá-los no mercado de trabalho e essas criaturas sempre foram diferentes também. Bom, eu acho que da graduação eu posso dizer, eu tenho várias coisas para contar, mas o que eu posso dizer é que a formação de professores para mim não é formação de professores, mas a formação do indivíduo e a formação do indivíduo para mim é muito mais importante do que essa *formatação* de professores. Bom, isso depois eu vou sair, vou ganhar um prêmio, vou sair dois meses, porque o governo francês ainda investia na formação de professores, saí dois meses, fui parar em Besançon, em Besançon fui assistir a uma conferência de Jean Peytard. Eu falei com ele, fiquei encantada, na época, o Jean Peytard fazia o que ele chamava de Análise do Discurso, que seria uma análise da imagem, era uma Semiocrítica Literária ou uma Semiologia Crítica Literária, ele trabalhava já com a questão da mídia via programas do pivô daquele programa de Literatura, de crítica literária, entre aspas, de divulgação da Literatura na televisão francesa. E depois, então, eu vou sair um ano depois, como em um toque de mágica, aparece uma argentina, a Gladys Morales, dizendo: Olha eu vim, e o meu marido veio fazer mestrado e doutorado em Santa Maria (eles são de Rio Cuarto) e a Universidade Federal de Santa Maria tem um convênio com a Nacional de Rio Cuarto e eu estou aqui nesse convênio e vou dar Francês. E aí, com o aparecimento da Gladys, eu pude então sair para fazer o meu doutorado com o Jean Peytard, aí é outra história que daria outra pergunta.

Corpus/Labeurb: Pois é, nós temos uma pergunta com relação a Jean Peytard [risos]. Eu não sei se a senhora quer falar alguma coisa sobre, mas tem a ver com o fato de estar na França no período Collor, de inflação galopante, de dinheiro curto, frio cortante e as orientações com esse sujeito.

Amanda Scherer: Com o Jean Peytard?

Corpus/Labeurb: Sim... sobre essa sua trajetória de idas e vindas, de refúgio de estudos, que a motivam a novos olhares no que concerne à linguagem, ao mundo, à vida, se podemos dizer assim. A senhora quer comentar alguma coisa sobre isso?

Amanda Scherer: Bom, o Jean Peytard foi fascinante na minha vida, ele não me orientou, me desorientou, como também orientou-desorientou várias pessoas no Brasil. Besançon era, na época, um grande centro de Linguística Aplicada, no tempo que a Linguística Aplicada era, na Europa, fortemente marcada, sobretudo com as fundações dos

Centros de Linguística Aplicada, os Centros de Línguas, e então, Besançon foi historicamente, para maio de 68, um lugar de resistência, de muita resistência, para dizer, muitos parisienses deixaram Paris, para trabalhar no foco de resistência em Besançon. E o seminário de Jean Peytard. Inicialmente, eu continuava sendo uma idiota no mundo, porque Jean Peytard falava de Labov, falava de Bakhtin e falava de Jakobson e eu dizia, meu Deus do céu, qual a relação de um com o outro, e por que isso? E junto com o Jean Peytard, a gente vai ter vários seminários, quer dizer, a formação na França é diferente, não é essa escolarizada americana que a gente tem que ter crédito, tem que ter disciplina, tem que ter presença, tem que ter conceito, que é coisa de mundo americano forjando a nossa formação de pesquisa. Então, tu tens muito mais liberdade, é tu quem constrói, se quer assistir, se não quer assistir, até hoje talvez esteja diferente, eu imagino que eles também, com a situação do master, eles já tiveram que entrar nessa globalização escolar americana. Mas, à época, eu poderia ficar em casa ou poderia passar o dia na biblioteca e não precisaria ter crédito, porque eu nunca tive crédito, depois eu aprendi, tive que pedir atestado, que era uma vergonha, no início eu não sabia muito bem como pedir isso, mas depois, eu fui entendendo que isso era vergonhoso, porque eu tinha que dizer para o cara, olha, diz para o Brasil que eu assisti teu negócio, quer dizer, no Brasil, é preciso de uma folha que alguém diga que eu fiz aquilo para acreditarem em mim, porque não acreditam em mim, e isso é uma coisa fortíssima, uma das coisas que me marcou na França. Então, o seminário de Jean Peytard era um seminário magnífico, era o que eles chamavam de Cours Magistral, era realmente um Cours Magistral, onde ele dava esse seminário era na antiga faculdade de Letras em Besançon, em pleno centro da cidade, Besançon é uma cidade que é antiquíssima, eu não sei que século antes de Cristo, eu não poderia mais dizer, porque eu perdi essa informação agora neste exato momento, mas se tem ruínas Galo-Romanas... é fantástica, não só no aspecto cultural, mas geográfico, histórico, enfim, e também por essa formação universitária. E a sala do Jean Peytard era, para mim, uma sala fantástica, cheia de espelhos, de pinturas barrocas, de coisas fantásticas, quer dizer, eu entrava em um outro mundo, eu não estava no mundo de uma Federal, cada vez pior, porque nas federais ou pelo menos na Federal de Santa Maria os prédios estão cada vez piores, então, eu não tinha só o Jean Peytard, eu conheci uma pessoa, na época, que eu assisti vários seminários dela, onde ela dava seminários, eu estava sempre, que é a Martine Cotin, a Martine Cotin é uma semiótica e foi orientanda do Roland Barthes e depois, para o doutorado de estado, orientanda do Peytard, do Jean Peytard, e a Martine era aquela pessoa que falava daquele Roland Barthes, falava amorosamente daquele Roland Barthes lá que eu havia assistido nos seminários e que não havia dado tanto valor e eu tive também uma outra pessoa que, para mim, foi marcante em Besançon, que é Dominique Bourgain, que depois vai ser reitora da Universidade de Lyon II, que vai tratar da questão da epistemologia da ciência, que vai dar, vamos dizer assim, a ciência da linguagem, mas uma questão epistemológica. E eu me lembro que, no início dos seminários da Dominique Bourgain, eu não entendia nada, eu dizia meu Deus, o que eu estou fazendo aqui. Tem uma outra coisa que eu acho interessante também nessa época, que era a grande época da informatização, e o Peytard, a única coisa que o Peytard fez para todos seus orientandos, foi nos obrigar a assistir um maluco, que há bem pouco ainda era o reitor da Université de Besançon, que está me faltando o nome dele, sobre programação de computador, porque o Peytard trabalhou muito tempo com o que depois vai dar a crítica genética, na Literatura, com rascunhos, com manuscritos de escritores e ele queria que a gente aprendesse a criar programas de computador para tratar disso, e não tinha jeito, imagina, nós não tínhamos jeito, um cara que é da ordem da matemática lógica, para entrar no nosso entendimento. Mas eu acho que valeu, mas, na época, foi completamente fracassante para todo mundo, mas o que eu acho que é interessante nessa relação com Besançon, que é um centro que recebe muito estrangeiro e, nas aulas de Jean Peytard, não tinha só franceses, tinha gente do mundo todo e é esse mundo todo que começa me fascinar, porque quando a gente está na América, na América Latina e

no Rio Grande do Sul, a gente pensa que o Rio Grande do Sul é o centro do mundo e aí, quando tu saís do Brasil, bom, aí já não é mais o Brasil o centro do mundo, aí é a América, que fica afastada, mas é o resto do mundo e, quando tu estás em um seminário com um bocado de gente, com um bocado de sotaques. Eu me lembro que era o auge da Marguerite Duras e tinha muitos japoneses fazendo tese sobre Marguerite Duras, sobre os manuscritos dela que, na época, eu nunca tinha ouvido falar e eu, portanto, tinha a Licenciatura em Francês e essas coisas ficavam assim, meu Deus do céu, o que eu estou fazendo aqui, o que eu quero. Porque o meu objetivo, na época, era trabalhar com os atos de fala, porque era a grande época do Conselho da Europa, quando o Conselho da Europa estava construindo materiais para pensar na educação da língua estrangeira para jovens e adultos, pensando, por exemplo, os estrangeiros que aprendem Francês ou aprendem Inglês, enfim, na Europa, sem estar em uma escola, mas que aprendem no dia-a-dia. E o Conselho da Europa, na época, fez muito material sobre isso, por exemplo, as grandes pesquisas sobre aquisição de adultos, e pensar o ensino de língua estrangeira para adulto não alfabetizado, sem alfabetização em nenhuma língua ou sem alfabetização para o mundo ocidental, como é o caso do mundo Árabe, e isso para mim foi determinante, foi fascinante, eu fui me dar conta depois que o que eu queria com os atos de fala e ensino de língua era uma coisa muito pequenininha. E eu acabei fazendo uma tese, fui me interessar pela representação do professor de Francês sobre a França e eu visitei cinco centros, que recebiam professores de Francês e fui lá buscar esses arquivos e entrevistei esses grupos, esses últimos grupos de professores de Francês, eu diria, porque hoje está cada vez menor. Na época, eram vinte, vinte e cinco pessoas, eu fui a Vichy, fui a Clermont-Ferrand, fui a Nancy, a Besançon, Montpellier, e fui a Grenoble, mais do que cinco, mas eu ocupei para minha tese só cinco, e eram em torno de vinte e cinco, trinta professores e a minha tese versa sobre os discursos, os efeitos do, eu nem lembro mais o título, a gente esquece o título da tese e olha que meu título nem era grande, mas versava sobre a representação do Francês, da França. Nas entrevistas, por exemplo, eu trabalhei com os dossiês de pedidos de bolsa e depois eu vou trabalhar com a história desses dossiês, e depois entrevistando os professores para eles me falarem por que eles estavam na França, o que eles pensavam, o que pensavam sobre o estágio, para fazer falar; Enfim, eu tinha perguntas que eram unicamente estratégicas para que eles me falassem dessa relação com o Francês e a minha tese versa sobre isso.

Corpus/Labeurb: Tu já falaste um pouquinho sobre a Neusa Carson, sobre a relação que teve com ela, eu não sei se seria o caso de falar um pouco mais...

Amanda Scherer: Eu acho que, na Linguística, eu tenho duas relações, que é a irmã Beatriz, eu diria assim, eu começo com a irmã Beatriz, porque a Neusa está nos Estados Unidos, a irmã Beatriz já nos coloca em textos fortes, eu me lembro das aulas dela, ela falava de Saussure como se fosse da ordem da evidência, como se nós já tivéssemos lido, Saussure era uma leitura obrigatória, antes de começar Letras, para ela, para vocês terem uma ideia, hoje eu quase desmancho o coitado do Curso¹² para os alunos, passo um mês desmanchando o Curso para os alunos. E a Neusa já vem com essa descrição das línguas indígenas, porque ela já está nesse grupo, a própria formação nos Estados Unidos, porque inicialmente ela tem formação como professora de Inglês para os estudos da aquisição e depois que ela volta da tese então, a tese dela é sobre o Macuxi de Roraima, até não sei se é esse mesmo o Macuxi, mas é o tema que vai ser recorrente. E a Neusa é para mim, se eu tenho a Maria Luiza como o intelectual, essa coisa mais literária, essa coisa mais elaborada, essa coisa mais da história, mais antiga, mais da memória, eu tenho a Neusa como aquele modelo de profissional, eu diria, que é a grande época da Linguística, do exato, do descritivo, do que tem que ser feito,

¹² Menção ao **Curso de Linguística Geral**, de Ferdinand de Saussure.

é assim, da forma, da norma, e é uma figura, além de ter sido uma mulher, é uma mulher que, para a época, aqui em Santa Maria, era um pecado ela estar em Santa Maria, porque ela teve todos os problemas do mundo, por ser uma mulher reconhecida nacionalmente, o Aryon, por exemplo, o Aryon Rodrigues a cita até hoje. A Neusa, eu considero, dentro da História das Ideias no Rio Grande do Sul, claro, que depois a gente vai conhecer Leda Bisol, a gente vai conhecer outras pessoas que podem ser determinantes, mas eu acho que essa figura é que tem a primeira bolsa CNPq em Santa Maria e talvez por todo interior do Rio Grande do Sul, então, eram coisas inéditas para época, e ela teve uma relação muito forte com Mattoso Câmara e ela nos obrigou a ler o **História da Língua Portuguesa no Brasil** e que é um tijolo e ela nos fez ler isso em uma semana e hoje, quando eu penso na Neusa Carson, ela, na Graduação, dava seminários de Pós-Graduação. Então, a Neusa Carson é uma figura pela qual eu tenho muito reconhecimento.

Corpus/Labeurb: Ainda sobre essa questão, o que nós tínhamos pensado era o papel hoje da Especialização, se ele existe, para falares um pouquinho disso e o teu trânsito também por Labov, a partir dessa relação com a Neusa Carson, como é hoje essa tua relação com a Sociolinguística?

Amanda Scherer: Bom, a Neusa Carson faz uma especialização em Linguística, eu vou ser orientanda da Neusa, que não tem só a Neusa na Linguística, eu vou me interessar por Labov, imagina, depois eu vou a Besançon dez anos depois e Peytard está trabalhando Labov, com essa concepção brasileira que a gente tem, ele ‘ainda’ [enfática] está trabalhando Labov, como se a gente trabalhasse o autor um ano, e depois, no outro ano, ele não existe mais, essa coisa precária, essa precariedade da formação universitária, parece que a gente tem que trabalhar em cima de modismo, e eu sou favorável a que a gente trabalhe em cima de grandes clássicos, e uma coisa que me fascinou do Labov, na época, que eu penei para ler Labov, porque eu tive que ler em Inglês, porque não tinha tradução do Labov, é essa relação de código restrito e código elaborado que, à época, eu achava que resolveria tudo, então, eu teria nessa concepção um sujeito que ainda é pensado, como vou dizer, como de uma escola social menos privilegiada, e esse lado do código mais elaborado, e é código mesmo que está tratado nesse texto inicial de Labov, para uma sociedade mais abastada. E minha monografia foi exatamente sobre isso e agora vocês me fizeram pensar uma coisa, a minha monografia foi manuscrita, aceitavam-se, na época, monografias manuscritas [risos] claro, que a gente tinha que escrever com uma linha invisível, mas essa matéria é interessante de se pensar, essa materialidade da época, porque essa coisa de tecnologia é muito louco na minha vida, na vida de vocês, já vem junto. Para minha dissertação, que seria dissertação, o meu D.E.A., para o meu *Mémoire de D.E.A.*, eu me lembro que a gente comprou, a Miriam¹³ e eu, nós morávamos na França, a gente não tinha dinheiro, a gente comprou uma máquina de escrever portátil usada, que faltava a borrachinha do ‘p’, o ‘p’ é uma das letras que mais se ocupa no Francês, e era um inferno bater com aquela coisa, quer dizer, a minha dissertação até hoje e eu gosto de, de vez em quando, mostrar isso, porque não tinha essa coisa de copiar, cortar, recortar, quando tu datilografavas era definitivo, ainda mais na maquininha portátil que não tinha como fazer correção. Então, a minha dissertação é toda coladinha, isso é um trabalho de Miriam Rose Brum de Paula, recortar letrinha, medir a letra. “– Olha Amanda, tu só podes colocar palavra que tenha tantas letras, aqui só cabe isso”. Então, era um inferno de fazer qualquer reformulação. E depois na tese, quando eu comprei o primeiro computador da minha vida, era um, como é que a gente chama, no Brasil, tinha um programa que, na época, era fantástico, o programa havia sido pensado e elaborado para o jornal Liberation, então, era já em cima de textualidade, que tu podias colocar vários textos, na tela, tinha não só o

¹³ Miriam Brum de Paula

texto regular, porque as telas antigamente não funcionavam, aqui mesmo eu estou na frente de uma tela e eu tenho diversas telas e nesse, eu não consigo lembrar da marca, esse computador que a gente comprou era um computador feito para o pessoal do jornal Liberation, então, tu podias trabalhar vários textos, sabe, várias telas, quando eu digo várias telas, eu tenho a Cris ali¹⁴, eu tenho um skype ali atrás, eu tenho o negócio do som ali atrás, quer dizer, eu posso trazer uma e voltar, isso aí hoje para vocês, vocês dariam risada, mas, quando eu comecei a informatizar minha tese, o primeiro relatório da Capes, eu quase morria, porque isso aí para mim era uma monstruosidade, como é que eu ia tratar tanto texto assim, tanta tela dentro de uma mesma tela...

Corpus/Labeurb: A outra questão tem a ver com tecnologia também, que é um pouco pensar nessa correlação com Régine Robin, por exemplo, que esteve com o Grupo do Pêcheux, na fundação da Análise do Discurso, a Régine Robin também tem um percurso, uma história pela Linguística, pela Psicanálise, pela Sociologia, pela Literatura e daí eu queria que falasses um pouquinho dessa tua relação com Régine Robin, tanto teórica quanto pessoal com ela e atrelada a essa pergunta eu queria saber se tem a ver com o teu ecletismo, porque, muitas vezes, eu te escutei dizendo que tu não és analista de discurso, tu és eclética, então, eu queria saber se o teu ecletismo tem a ver com isso também, com essas correlações teóricas com a Régine Robin.

Amanda Scherer: Bom, eu acho que eu nunca disse que eu era eclética, mas muita gente sempre me disse que eu era eclética [risos]. Eu nunca fui *figée*. Quanto mais eu leio, menos eu me fecho, quanto mais eu leio mais eu me abro. Claro, que eu tive uma época que, em sendo fascinada pela leitura e fascinada pelo livro, eu achava que tudo podia ir dentro de tudo. Isso é o tempo que vai ensinar para a gente, que tem autores que não casam com tais autores que não casam com outros e, até a gente entender, o que é forte, que é a própria questão epistemológica, do objeto que a gente está tratando e do objeto teórico que a gente está lendo.

Mas a Régine Robin vem por acaso na minha vida, aliás, tudo vem por acaso na minha vida, tudo não sei, mas boa parte das coisas que eu tenho vem por acaso na minha vida, e a Régine Robin veio por acaso, ela veio ao Brasil, para a Unicamp, da Unicamp veio para Porto Alegre, de Porto Alegre se perguntou se não queriam trazê-la para Santa Maria e Régine Robin veio a Santa Maria. Veio a Santa Maria e falou para meia dúzia de pessoas, mas foi o máximo, até porque, na época, as pessoas achavam assim: fala uma língua estrangeira a gente não entende, logo, não se vai, é inacessível. E Régine acabou ficando quatro dias em Santa Maria, e quem conhece Régine Robin sabe que Régine Robin não é uma personalidade fácil, eu digo graças a Deus, porque eu acho que isso que faz dela o que ela é. E todos que não têm personalidade fácil, até não vou enumerar outros aqui, são o que são, porque não são personalidades fáceis, até posso enumerar, tem uma pessoa que eu amo de paixão que é a Eni Orlandi e que não tem nada de personalidade fácil. E eu acho que ela é o que ela é porque não é fácil.

Então, andar com a Régine Robin não é só andar, ela queria ver coisas, de vez em quando ela achava *art nouveau* em Santa Maria, eu nunca pensei que Santa Maria pudesse ter *art nouveau* ela disse: Tem [enfática, risos]. Ela gostou tanto na época de Santa Maria que disse: Acho que vou vir morar aqui, nós vamos montar uma livraria, um *cyber café* [risos], que na época era impossível de se pensar no Brasil. Vamos montar um *cyber café*, foi quando ela

¹⁴ Amanda Scherer refere-se às telas do computador que visualiza enquanto é entrevistada pessoal e virtualmente por meio do Skype.

estava montando a página dela, com aquela idade, eu dizia, meu Deus, o computador para mim era unicamente textual, era para mandar mensagem e receber, fazer um texto, e a Régine, aquela senhora, pensando em página, construindo página, enfim. E depois é claro eu vou começar a devorar, porque eu gostei dessa pessoa, gostei demais dela e comecei a devorar tudo o que é texto, eu posso dizer, eu acho que posso dizer que sou uma pessoa que talvez no Brasil, ou uma das poucas, que tem, não digo toda publicação da Robin, porque é impossível, mas uma boa parte da publicação da Robin, então qualquer texto da Robin eu devoro. Devoro e aprendo, e a Régine Robin, assim como ela pode ser a criatura mais difícil, ela pode ser a criatura mais fácil da face da Terra, faz tempo que não falo com ela, faz tempo que recebo mensagem e até me preocupo com isso.

E quando estive no pós-doutorado, depois entre Paris e Rennes, morando em Paris e assistindo, não digo assistindo, mas trabalhando com meu colega de Rennes, e a Régine Robin esteve algumas vezes em Paris, e algumas vezes nós nos encontramos, e foi ela que me fez pensar que na história da revista, que até hoje, não é Cris, não não mexemos naquilo... mas uma coisa que nós temos que mexer, antes que alguém, como se diz na academia, nos roube! [risos] é a revista **Dialectiques**. E a revista **Dialectiques**, e a própria Régine Robin me disse, à época que, se a gente quisesse pensar também na Análise de Discurso, deveria devorar todos estes números da revista **Dialectiques**, que era uma revista alternativa, era uma revista bem primária no sentido de confecção, mas que tem textos fantásticos, que trazem essa época que o Pêcheux viveu e que a Régine Robin trabalhou com ele.

Então, Régine Robin, é a senhora que consegue fazer uma relação, e para mim é genial, a relação de língua, de história, de sujeito e de memória. E mais, uma relação que é difícil de se fazer, que eu acho que é uma pessoa que sabe fazer isso, e muito bem, e que não é fácil de fazer, e que também é outra personalidade nada fácil, gentilíssimo, mas nada fácil, que é José Luiz Fiorin, que é a relação da Linguística e da Literatura, que eu acho que essa relação ainda está para ser feita no Brasil. E Régine Robin para mim é o maior exemplo dessa relação. Tanto ela é o exemplo dessa relação que ela consegue fazer romances, e romances premiados, é uma historiadora, depois linguista. Mas acho que isso faz parte de uma formação também francesa de uma época, já não é mais assim.

Não sei se era essa a resposta que vocês queriam da Régine Robin. O discurso transversal, para mim, é da Régine Robin, a memória da língua, essa relação da falta na língua, que outras pessoas vão buscar pela questão da Psicanálise, porque cada um faz aquilo que gosta e aquilo que se identifica, mas a Régine busca isso pela Literatura, e é muito forte. Claro que ela leu Freud, claro que ela leu Lacan, ela tem histórias fantásticas, eu poderia contar alguma dessas histórias, eu acho que levaria a um outro **Fragmentum**.

Corpus/Labeurb: Uma questão em relação ao disciplinar, então. Em AD ou HIL, que seriam, se podemos dizer assim, as linhas com as quais a senhora tece identificação disciplinar; nelas, há a questão do político bastante presente e neste a 'política' imbricada. Levando em conta sua trajetória, percebemos que seu percurso está marcado fortemente por uma atuação institucional, delimitada por um trânsito pelo País e fora dele que recobre participações em comitês de avaliação institucional, de projetos e de programas, consultorias, pareceres, comitês científicos e editoriais. A senhora tem um percurso importante no PPGL, no qual já teve 04 gestões como coordenadora desde 1994. Como é esse trabalho "de base"? Como é, na prática, essa atuação política, que fica nos bastidores, mas que tem resultados tão importantes para o desenvolvimento da pesquisa no País?

Amanda Scherer: Bom, quem criou o mestrado foi a Maria Luiza Ritzel Remedios, Ligia Militz, Janete, Vera Santos, aí vou pecar até pela falta de alguns outros nomes, mas o projeto mesmo de fato é de Maria Luiza Ritzel Remedios. Então eu vou assumir isso bem mais tarde, eu uma fase difícil do mestrado, quando a Capes estava com uma política de fechamento de cursos que não rendiam, e eu entrei, infelizmente de “gaiato no navio” e dez dias depois a Capes está baixando, um tipo de projeto de reestruturação estratégica para se repensar ou fechar o mestrado, não era nem uma questão de sobrevivência, o mestrado teria “cara nova”.

Então, eu já havia sido coordenadora de graduação, eu já havia trabalhado na presidência da Comissão de Centro e Pesquisa do Centro de Artes e Letras. Bom, como tu disseste, eu já passei por um bocado de lugares, tem uma coisa que eu gosto de fazer e eu acho que porque eu gosto de fazer, eu sei fazer, é pensar em política estratégia de formação, como é que eu vou dizer para vocês... é difícil! Eu poderia falar mais elaboradamente, mas vocês estão mexendo tanto comigo que eu não consigo mais nem elaborar! Mas, eu penso assim: eu não consigo ficar quieta, eu sou uma pessoa, não que eu seja uma pessoa inquieta, eu não sou inquieta, eu não consigo ver uma mesa sempre no mesmo lugar, eu não consigo pensar um curso sempre igual, eu não consigo pensar um seminário sempre igual, eu, até bem pouco tempo, tinha uma inveja assim fantástica das pessoas que conseguem inclusive ter o curso programado há muito tempo, eu não consigo fazer isso! Eu não consigo nunca dar o mesmo curso, por exemplo, mesmo sendo professora de Francês em pleno estruturalismo, eu não conseguia ficar só no nível da estrutura, da repetição, eu era uma macaca, eu fazia coisas, eu contava histórias...

Eu acho que tem várias frentes, pensar política universitária não é uma linha reta, pensar política universitária não é uma repetição, pensar política universitária não é uma ação entre amigos, pensar política universitária não é dar jeitinho aqui e lá. Pensar uma política universitária é pensar uma política de pesquisa relacionada a uma questão institucional, primeiro é uma responsabilidade muito grande, segundo envolve muitas pessoas, terceiro envolve também responsabilidades não só em relação à sociedade. E eu não quero entrar neste discurso lulista, mas envolve, envolve futuro, envolve vidas, eu não sei se eu penso muito conscientemente isso. Primeiro, existem coisas que eu acho que me ajudam a trabalhar, e a viver, e a pensar que eu não penso sozinha, institucionalmente tu não podes estar sozinha, tu tens que estar com pessoas competentes nos seus campos, nos seus guetos, te armar, te assegurar, inclusive para poder dividir trabalho, e eu sempre tive, eu sempre fui feliz na universidade, por exemplo, eu sempre tive muito inimigo, ainda tenho muito inimigo, sempre tive muitas pessoas contra mim.

Mas eu poderia trabalhar nisso. Eu sempre digo assim: Essa pessoa faz [ênfática] isso! Mas não é que eu descubra talentos, eu digo, olha eu preciso disso, disso, disso... bem que tu poderias pensar isso para mim e aquilo para mim? E então, as pessoas vão pensando, mas as pessoas vão pensando, quase sempre não em cima daquela expectativa que eu tinha daquilo que a pessoa poderia pensar, porque a pessoa, às vezes, foi procurar aquilo que eu disse, e a pessoa acaba vendo outra coisa, e aí eu vou entender que essa pessoa, na verdade, não está naquela minha expectativa e está em outra, e que isso também ajuda a construir uma coisa melhor.

Eu não sei como falar isso se não falar muito pessoal, fazer política universitária, para mim, é de uma responsabilidade sem tamanho, é uma responsabilidade muito grande, e a sensação que eu tenho, é que muitas pessoas não se dão conta dessa responsabilidade, criar curso, fechar curso, criar revista, participar de comitê, eu tenho experiências de participação

em comitês frustrantes, eu não gostaria nem de contar, eu até nem poderia contar porque envolve nomes, entende, mas participar de comitês, sempre a participação neste lugar para mim nunca é uma questão de poder, mesmo sendo uma questão de poder, ela nunca é o poder da Amanda, mas mesmo assim é, de certa forma, um poder da Amanda. É uma questão de poder porque é uma questão de reorganização, de reorganização de forças, de restabelecimento, dessas forças que rejuvenescem sempre (e está subindo minha formação religiosa do Colégio das Irmãs), mas dessa coisa que está ali, e está se atualizando, nesse sentido mesmo deleuziano, está ali, a coisa está ali, o que eu preciso é fazer funcionar essa coisa, atualizar essa coisa, não no sentido da atualização de ter mais isso, mais aquilo, e essa questão do político funciona muito em mim. Eu acho que não é à toa que eu tenho trinta anos de universidade e minha vida pessoal é um pedacinho dentro dessa instituição. Mas eu não estou dizendo que todo mundo tem que pensar assim, pensar um pedacinho, eu acho que a gente tem que equilibrar isso, eu não consigo equilibrar. O institucional, o político, no meu entender, dentro do institucional, é que pessoas trazem o privado para o institucional, e o institucional é o público. Para mim, aí que está o problema.

Corpus/Labeurb: A senhora coordena linha e grupo de pesquisa, um Laboratório de Estudos Linguísticos com 10 anos; sua produção técnica conta com mais de 130 itens; já formou 30 mestres; 08 doutores em um curso que tem pouco mais de 06 anos, além disso, orienta iniciação científica, como é ver os frutos desse trabalho na formação de alunos? Especialmente agora também com essa indicação para uma premiação internacional fruto de orientação de uma tese, da nossa colega, a Prof.^a Maria Cleci Venturini¹⁵.

Amanda Scherer: Bom, eu tenho repetido, e já tenho repetido a um certo tempo, isso está cada vez mais constante, meus orientandos não aguentam mais isso, e realmente isso está pesando, esse lado de vida, de vida acadêmica, está pesando nos meus ombros. Quando tu dizes esses números, eles são assustadores, assustadores, assustadores porque é muita responsabilidade, é muita gente com quem eu dividi, nós dividimos lugares, dividimos livros, dividimos angústias, brigamos, porque nenhuma relação de orientação é uma relação linear, é uma relação difícil eu canso de dizer que é uma relação amorosa, porque é uma relação de descoberta.

Eu tenho, e isso eu não disse lá no início, eu tenho me achado velha para tudo isso, porque quando eu vejo tantos anos [ênfática], eu me dou conta porque que eu não tenho mais força para andar, e que a mente continua forte e a sensação que eu tenho é que o corpo não aguenta mais essa mente [risos]. Isso, eu acho isso super interessante (interessante não, esse é um cacoete que eu tenho – super interessante) e isso é muito forte porque (como é que eu vou dizer para vocês se não disser de forma careta...?). Isso representa, de certa forma, os filhos que eu não tive, essa constituição brasileira machista de mulher casada, carregada de filhos, mãe do lar, responsável, e que talvez esses meus orientandos de toda essa minha experiência de iniciação científica, desde iniciação científica até o doutorado, agora com a premiação da Maria Cleci isso vai me fazer voltar a essa coisa mal resolvida lá com 20 anos, 25 anos, quando todas as minhas amigas já estavam casadas e com filhos e eu não tinha namorado, não teria marido, portanto, não teria filhos, naquela época não teria filhos, hoje o marido até não é tanto problema.

Mas o que eu quero dizer, saindo dessa coisa mais melodrama familiar, constituição desse religioso brasileiro. Isso me dá muita satisfação, me dá uma satisfação enorme de ver que vale a pena, vale a pena conversar, vale a pena trocar os livros, vale a pena sentar para

¹⁵ Maria Cleci Venturini teve sua tese indicada...

conversar, vale a pena orientar, vale a pena fazer esse trabalho, eu acho que se eu tivesse que recomendar eu começaria tudo de novo, porque isso é um... eu não quero chorar, estou cuidando para não quero chorar, estou enrolando para não chorar, mas... é bonito é bonito...!

Eu sou uma pessoa que me envolvo demais com meus orientandos, mesmo com meus alunos de graduação antigamente no Francês, a Cris está aí, bom demais, eu posso dizer que eu conheço um pedaço da Cris, da história da Cris, e para mim hoje ver a Cris no Laboratório de Estudos Urbanos, às vezes, eu não acredito, eu acho que é um sonho, às vezes eu acho que essa Cris não existiu, que essa Cris não foi de Santa Maria, essa Cris não foi uma cria minha, não estou me apropriando dela. Da mesma forma que a Rejane, em um curso de especialização na Unifra, de repente se interessar: Mas professora, eu quero saber isso, quero saber aquilo. E eu não tinha muito tempo, como nunca tenho tempo, tenho cada vez menos tempo, principalmente para os alunos de iniciação científica, é uma vergonha, até não sei como eles querem trabalhar comigo ainda. Lembro da Rejane, e eu não tendo tempo disse, quem sabe tu vais lá, eu tenho um grupo que se reúne ao meio-dia, eu me lembro da Rejane chegando, dessa Rejane tímida, dessa coisa interiorana, e da Rejane mulher hoje, da Rejane independente, da Rejane teórica.

E uma coisa que eu acho que é interessante é que hoje no Programa eu posso dizer que a gente tem uma linha, hoje no programa, eu posso dizer que eu tenho pessoas com quem a gente dialoga, hoje mesmo eu tive uma longa conversa com a Eliana¹⁶: Ah, pois é, e isso, e isso... e o texto tal... Sabe, essas conversas doidas que eu nunca tive antes, isso eu nunca tive, e quem me proporcionava isso eram só os alunos, mas hoje eu vejo no Corpus por exemplo, uma relação, claro que tem uma relação hierárquica, porque é institucional, mas quando eu vejo três alunos sentados, três orientandos como a Rejane, o Maurício e a Caciane sentados, e fazendo um artigo juntos e um artigo belíssimo e um artigo que vai dar fruto para futuro, eu digo bom, mas então eu acho tu podes sentar agora e começar a pensar em ti e deixar, mas eu não sei eu se conseguiria ficar sem viver nesta roda viva, porque essa roda vida é a roda que me ajuda a viver. Olha, quando eu penso, poderia pensar aqui no Marcelo, a Cris que conheceu o Marcelo também, o Marcelo, meu deus do céu! Era época que os alunos vinham me procurar: Professora, ninguém quer trabalhar isso, a senhora não quer trabalhar isso comigo? Porque eu não tinha uma ideia, até porque na Federal de Santa Maria ainda não tinha uma pesquisa dentro da área de Letras constituída de fato como pesquisa, eram projetos individuais, projetos que eram muito mais de extensão e de ensino do que projetos de pesquisa. Eu me lembro do Marcelo Esteves, que hoje é um grande cineasta brasileiro, que está aí na ponta do cinema no Brasil e sobretudo de curta-metragem, ele disse: Eu tenho um sonho de trabalhar com a Literatura do Benin. Eu disse: Literatura do Benin? O que tu queres fazer com a Literatura do Benin? Não, eu procurei tais e tais professores e eles não querem saber, disseram que com esses negros eles não trabalham! E eu disse tá, vamos fazer alguma coisa sobre, um projeto sobre isso.

E o Marcelo fez um excelente trabalho de iniciação científica, que eu hoje diria de mestrado, seria uma bela dissertação de mestrado, que ficou um resultado unicamente de iniciação científica. E o Marcelo hoje, e olha que eu insisti, eu queria que ele fosse meu colega, que ele fizesse concurso para o Francês, ele nunca quis, claro, hoje eu fico feliz, de vez em quando de ter notícias dele, de ele me mandar notícias, que ele está no lugar dele feliz e lembrando dessa experiência, essa experiência o levou a assumir outras coisas que ele nunca tinha pensado...

¹⁶ Eliana Rosa Sturza

Corpus/Labeurb: Lembro-me de que o I Seminário Corpus nasceu de um desejo que tu tinhas de fazer um banco de corpus, devido à riqueza do material de análise que teus orientandos tinham. Era uma ideia singular e teve um início singular naquele evento em Silveira Martins, regado de comidas típicas daquela região, que é considerada a 4ª Colônia Italiana do RS. Ficamos fechados lá um final de semana, isso foi em 1998, se não me engano. Eram alunos da iniciação científica, do mestrado, professores do PPGL e convidados. Lembro-me de que eram mesas colocadas em grande círculo, e os professores em torno delas debatendo a noção de corpus. Isso foi inesquecível para quem estava lá. Eram discussões riquíssimas, e assim nasceu o Laboratório Corpus. Tu nunca abandonaste essa ideia, tornou-se uma realidade não só tua, mas para todas aquelas dezenas de alunos que circulavam e circulam no Corpus hoje, e que têm uma formação diferenciada dentro do curso de Letras e na Pós-Graduação em Letras da UFSM, que eu chamaria de uma verdadeira formação em pesquisa. Esses alunos têm acesso a títulos bibliográficos diferenciados, têm contato com grandes nomes da Linguística convidados por ti, por meio das tuas relações, tanto professores brasileiros quanto estrangeiros, como Paul Henry, Dosse, José Luiz Fiorin, Eni Orlandi, Eduardo Guimarães, Régine Robin e tantos outros. Como é isso? Como é para a senhora a realização desse sonho, desse grande projeto de pesquisa?

Amanda Scherer: Bom, tem três coisas que eu acho que são interessantes de pensar, a Cris já fez uma retrospectiva grande, a história do Laboratório, ela leu a história do Laboratório, mas ela também pertenceu, ela pertence a essa história, então eu acho que isso é super interessante de ouvir falar e de contar essa história. Primeiro, o Laboratório, antes do Laboratório, tem uma vontade da Miriam, quando ela está voltando do doutorado, de junto com a Marcia Corrêa, de montar um arquivo de corpus, porque a Miriam trabalhou com entrevistas, como se chama isso em aquisição de linguagem, em tempo curto e a longo prazo...

Corpus/Labeurb: Memória?

Amanda Scherer: Não é bem isso, ela fazia entrevistas num tempo aqui, um ano depois voltava e fazia entrevista com essas mesmas pessoas, bom e a Marcinha, por exemplo, a Marcia Corrêa fez um mestrado excelente também, a Miriam foi a questão do doutorado, mas a Márcia foi a questão do mestrado, a Márcia entrevistou não sei quantas pessoas da quarta colônia e transcreveu isso, isso é monumental, as duas. As transcrições, o tempo, não digo perdido, ganho porque faz parte do corpus que elas trabalharam, então, as duas juntas, que sempre se deram muito bem para trabalhar, as duas juntas pensaram em fazer um arquivo de corpus, junto eu pensava em reproduzir o Seminário de Jean Peytard em Paris, porque o Jean Peytard tinha um seminário mensal em Paris que era todo um sábado, que a Sophie Moirand continua fazendo parece, mas eu nunca mais fui, e que começava às 8h30min da manhã e terminava às 5h da tarde, com intervalinho de 40 minutos para os fumantes, para beliscar alguma coisa, eu como boa brasileira quase morria de fome, minha barriga fazia groin, groin... e ninguém comia nada, todo mundo discutia. Por exemplo, o livro da Mالدیدیر, *L'inquiétude du discours*, esse livro da Mالدیدیر foi discutido antes de ser publicado, antes da versão final, no Seminário do Jean Peytard, em Paris. E foi aí que eu conheci a Denise Mالدیدیر, e eu achava isso fantástico, quer dizer, tinha um bocado de gente pequenininha que ficava ali sentada escutando, tomando nota que nem um doido, tinha uns grandões se digladiando entre si, e tinha um texto embrionário para sair que era colocado sempre à prova esses grandões que estavam ali. Eu imagino que as pessoas depois retocavam esses textos. Eu sempre quis reproduzir isso em Santa Maria, eu tentei várias vezes, logo que eu voltei do doutorado, e não havia jeito, eu tentei, eu me lembro que tentei com o José Luiz Foureaux, nós tentamos.

Então, nós começamos, de certa forma, e aí entra essa terceira história, que é a história de Vale Vêneto, de pensar então, que foi sugestão da Miriam, de discutir sobre corpus, mas corpus, objetos de pesquisa, a gente não está ali, e o Laboratório Corpus não pode ser associado à Linguística de Corpus, porque não é isso, e que depois eu posso até contar, mas nós temos documentos, na página tem, a gente organiza o seminário dessa forma, então a Miriam diz, vamos cada um falar no seu objeto de pesquisa, e nós fizemos então o I Seminário Corpus em Vale Vêneto, como a Cris diz, nós éramos quarenta e poucas pessoas, foi na Sociedade Italiana, dormimos todos no Colégio de Irmãs e foram três dias maravilhosos porque a discussão foi sobre objetos de pesquisa, cada um falou do seu objeto, desde pequenininho a grandão e tanto de Literatura como de Linguística.

Foi daí, vamos dizer assim, que o Laboratório acabou se constituindo. A Capes está criando nesta época o Procad¹⁷ e nós vamos acabar fazendo, eu não me lembro muito bem por onde começou isso, nós vamos acabar fazendo um Procad com a Unicamp e dentro desse Procad vem o recurso importante de dinheiro e nós vamos então começar o Laboratório Corpus. Eu guardo até hoje, na minha sala de trabalho, o local provisório¹⁸, porque durante oito meses nós tivemos em uma sala pequena, computadores, livros, móveis, porque nós não tínhamos espaço. Foi quando a Miriam assume a Coordenação junto com a Sílvia a coordenação do Programa, que elas acabam no colegiado fazendo passar meio que goela abaixo uma sala de aula do Programa e nós podemos então abrir aquele espaço que é o espaço que nós temos hoje, e esse espaço não parou mais. Mas esse espaço não parou mais, tudo bem, eu acho que tem uma Amanda lá sempre cobrando, mas esse espaço é um espaço do aluno, eu acho que ele muito mais um espaço do aluno do que um espaço do professor. Ele é um espaço diferenciado porque quando você entra ali não é um serviço público, você está entrando em um minisserviço privado, é o privado dentro do público, mas o privado no sentido da sua história pessoal, quer dizer, eu passar por ali, mesmo que minha passagem seja curta, ela conta na minha vida.

Então 10 anos, quando a Rejane me fez lembrar que fazia dez anos, a sensação que eu tinha é que fazia 4 ou 5 anos só, eu me lembro que na época quem abriu esse espaço oficialmente foi o Eduardo Guimarães, que era o Eduardo que coordenava na época o Procad do lado da Unicamp, e nós fizemos uma super festa. Eu me lembro que na época eu pensava coisas louquíssimas, teve uma exposição, como era corpus, a Miriam que teve essa ideia de trazer, por exemplo, o Amoretti, de recortar a mãozinha da pintura do Amoretti¹⁹, que o Amoretti é um artista plástico que tem um painel enorme no Centro de Artes sobre a invasão da América, e a mãozinha do anjo, eu nem sei se existe esta gravação, mas tem uma entrevista do Amoretti apresentando como ele pensou essa mão e por que essa mão que segura o mundo, e o Amoretti como bom latino vai pensar na questão da paz, nessa coisa toda. Era época dos 500 anos do Brasil, nem eram os 500 anos, mas era realmente a questão da descoberta da América, não eram ainda os 500 anos, e a Miriam inclusive desenha essa figura, essa figura humana que de braço e perna e agora não consigo lembrar o arquiteto, o artista plástico que pensa nessa figura geométrica do homem e que vai dar nesse espaço nosso. E como a gente tinha recurso, nós pudemos não depender de licitação e a Daniela projeta então o Corpus. E eu acho que o local do Corpus é um local diferente, e por ser diferente, isso já faz a diferença também para as pessoas que estão ali, não quer dizer que nós tenhamos o mesmo grupo hoje, porque a Miriam, infelizmente para nós se foi, felizmente

¹⁷ Procad...

¹⁸ Referência à placa com o logo do Corpus acima do qual está escrito 'local provisório' que ainda se encontra afixada na porta da sala de trabalho da prof.^a Amanda Scherer.

¹⁹ Referência à mão do anjo que é selecionada da pintura do Artista Plástico Juan Amoretti para formar o logotipo do Laboratório Corpus.

para ela, foi procurar outro canto, e aquele grupo tão pensado grande, eu me lembro dos primeiros seminários que nós fazíamos de reunião de professores e que a sala era cheia, quer dizer, à mesa tinha tanto Linguística quanto Literatura, falando sobre as suas pesquisas, e que as coisas acabam eu não digo evoluindo, as coisas acabam se movimento de certa forma. Claro que aí, quando começa o doutorado, porque o Corpus também ajudou o Procad e o Corpus vai ser a alavanca para o doutorado. Aliás, o primeiro computador, quando chega o recurso, a primeira parte do recurso, a gente estava começando a informatizar os dados para preparar o doutorado, que tem um nome para isso, PCN do doutorado, e nós não tínhamos computador para isso, porque a coordenação estava completamente desfalcada e a coordenação do pós, inclusive nós tínhamos um computador do Prof. Lima que era vice-reitor na época que havia nos emprestado o computador dele. Então, tão logo chegou o recurso, a primeira coisa que a gente fez foi comprar um supercomputador e a única coisa que a gente tem deste computador é uma tela enorme, que é horrível hoje, ela é monstruosa, mas aquilo para mim é assim: é a criação do doutorado, é o início do Corpus, é o início de muita luta, mas é o início também de muito prazer. Mas eu acho que ele funciona porque tem muita gente que se envolve e tem algumas pessoas que dão continuidade a essa minha vontade a esse meu prazer, me estendi demais...

Meu Deus do céu, vai dar um Fragmentum monstro esse!

[risos]

Corpus/Labeurb: Vai ser um Monstrum...

[risos]

Corpus/Labeurb: Acho particularmente interessante sua relação tensa, talvez, com a língua francesa: enquanto estrangeira e ao mesmo tempo língua de ‘identificação’, ou de ‘amor’ no sentido milneriano e, por outro lado, língua da qual se afasta (no que tem aí implicado o didático), enquanto ‘ex-professora’ de LE, levando em conta uma prática de ensino que começou na nossa tradicional Escola Manoel Ribas (a senhora foi professora de nosso ex-prefeito, de nosso pró-reitor de pós-graduação), quer dizer, e eu já vi isso, há no espaço dessa cidade, uma espacialização sua pelo nome ‘professora’. Vamos pensar, para finalizar, via designação ‘professora’. Particularmente, a senhora é minha professora orientadora com a qual eu pude chegar a compreender um pouco de AD, desde sempre (concorde com isso ou não!), para outras pessoas, a senhora é a professora de Linguística (mas de uma Linguística outra que não segue percursos lineares), para outros ainda, a Senhora é a professora de francês do ensino médio (que não era assim chamado), na Aliança Francesa... Como a Senhora se signfica diante disso?

Amanda Scherer: Bom, é uma questão existencial [risos]. Bom, tem muitas coisas aí, quando eu digo que eu estou ficando velha... a minha chefe, a minha ex-chefe, o Pró-Reitor de Graduação e Pesquisa, como tu disseste, esses dias mesmo, eu participei de uma reunião no Gabinete do Reitor, enquanto participante da comissão interna do CEPE²⁰, que era sobre a Gripe A, para avaliar se parava o calendário escolar ou não, isso foi lá por junho, julho. De repente, falando, colocando minha posição sobre a coisa, eu me lembro que o Prof. Lima, o Reitor, colocou: Ah Amanda, nem sabe, estive com uma pessoa, um casal que acabei de receber aqui, e ela foi tua aluna e falou muito bem de ti. De repente, várias das pessoas

²⁰ CEPE: Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão

que estavam ali, “ah, mas eu também já fui aluno da Amanda aqui, já fui aluno da Amanda ali”, enfim, a sensação que eu tinha era que boa parte daquele grupo que ali estava havia me pertencido e eu pertencido a eles, o que me faz dizer, o que me faz pensar, que realmente eu estou ficando velha, quando um sujeito que já é meu chefe, que já é meu Pró-Reitor, enfim, que tem outras responsabilidades e que são responsabilidades sobre mim, e que estão me dizendo que me conhecem, então meu deus do céu, será que não está na hora de ir embora? Porque eu estou ficando muito velha.

O que isso significa. Sinceramente, é muito gostoso encontrar pessoas que me dizem: Fala, professora Amanda. Seja na Unimed²¹ ou dentro de uma ambulância: Olha, a senhora foi minha professora lá em tal lugar. É gostoso, estou falando de uma questão médica porque quando a gente vai chegando a uma idade ‘x’, isso é mais recorrente na vida da gente. Mas isso é gostoso, ser lembrado, é gostoso e, ao mesmo tempo, dizem ‘professora’ e eu não reconheço mais a pessoa, porque alguns deles foram meus alunos quando pequenininhos.

Mas, o que isso significa? Acho que isso é gostoso, saber que a gente existe para o outro, saber que o mundo não é só restrito a uma questão familiar, a uma questão de amizades, mas que é também o que a gente está construindo. Que se está quase ficando uma vida profissional, e que a gente tem muita gente, que a gente conhece também pela vida profissional, hoje mesmo que estou rodeada de pessoas, como é o caso da Verli²², que foi minha aluna de graduação, foi minha orientanda de mestrado, depois fez o doutorado na UFRGS com a Freda²³, hoje está trabalhando com a gente, hoje estamos trabalhando lado a lado; quando eu penso na história da Verli, e penso no lugar da Verli, isso me dá um certo nó na garganta, mas ao mesmo tempo, uma satisfação, é aquela coisa muito reducionista, mas no momento para mim é muito forte, e que valeu a pena, valeu a pena trabalhar do jeito que eu trabalhei e do jeito que eu trabalho ainda.

Eu só gostaria de dizer uma coisa que eu acho que é importante. Eu só acredito na vida profissional, e acredito que eu consegui fazer alguma coisa por alguém, principalmente por orientando, aluno, mas principalmente por orientando, quando esse orientando é melhor do que eu, aí eu fico, realmente, mais apaixonada ainda, pela pessoa e pelo meu trabalho. É isso que eu chamo de..., é como eu dizia, tem toda uma questão de discípulo, precursor, eu não tenho discípulos, graças a deus, graças a deus nada, porque deus não tem nada a ver com isso. Eu não tenho discípulos, mas eu posso sentar, sentar não sei, mas eu me sinto feliz quando as pessoas se superam e superam a expectativa que eu tinha delas e que acabam, como é o exemplo de vocês duas, não só de vocês duas, muitos outros, que conseguem ficar mil vezes melhor do que eu já fui, do que eu sou. Isso para mim é fundamental, é aí que eu digo que valeu a pena.

[Comentários e agradecimentos]

Amanda Scherer: Eu que agradeço a vocês, tomara que eu não tenha decepcionado [risos] eu nunca imaginei que era uma coisa difícil, eu ajudei a construir muitas das entrevistas,

²¹ Unimed – Empresa que presta serviços de assistência à saúde.

²² Prof.^a Dr. Verli Petri.

²³ Prof.^a Dr. Freda Indursky.

mas nunca imaginei que a coisa era tão difícil. Estou emocionalmente mexida, cansada, cansada, porque eu estou cansada de trabalhar, mas cansada também pela questão emocional, e o Jean-Claude Chevalier tem um texto belíssimo, que ele fez recuperando entrevistas, ele mostra o quão importante é a história social do sujeito para construir a história social da linguística. Eu não estou dizendo que eu sou uma linguista, que eu sou uma analista do discurso, eu não sei, eu não sei me enquadrar, não sei mesmo me enquadrar, aliás, não é à toa que cada vez mais eu tenho trabalhado com o disciplinar, para entender essa coisa disciplinar, não sei me enquadrar. Agora, eu tenho certeza que eu sou um sujeito que gosta de viver e que gosta de conviver com orientandos, isso para mim é fundamental. Obrigada então a vocês [emocionada, agradece.].

Corpus: Obrigada, Cris, pelo teu tempo, obrigada prof.^a Amanda pelo seu tempo, para essa entrevista que vai se tornar uma publicação para marcar os 10 anos do Corpus.

Entrevista realizada em 02/10/2009 – via Skype.